

Experiência mortal

RAUL PILLA

APARTEANDO um discurso do sr. senador Onofre Gomes, o sr. Aloísio de Carvalho, lustre da representação parlamentar da Bahia, reconheceu que cinquenta anos de presidencialismo são ainda uma experiência pequena. Trata-se, evidentemente, de uma dessas concessões que se fazem ao adversário, para o predispor a melhor considerar a matéria. Mas, simples recurso tático, seria sob todos os aspectos inconveniente que se erigisse a concessão em verdade estabelecida.

Não é curta, realmente, a experiência presidencialista no Brasil. São sessenta anos (não cinquenta), isto é, o transcurso de várias gerações. Quanto durou a experiência parlamentarista do Império? Dificultoso é dizê-lo com precisão, pois não sendo parlamentarista, antes podendo-se dizer presidencialista a constituição outorgada por Pedro I, foi pelo costume, graças a uma luta pertinaz, com avanços e recuos, que se estabeleceu o sistema parlamentar, já na última fase do Segundo Reinado. Quanto durou, pois, a experiência parlamentarista no Brasil: vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos? Pouco importa, pois será sempre menos do que está durando a experiência presidencialista. Nem isto constituiu motivo para que os republicanos deixassem de impô-la ao País, não obstante as sensatas advertências de alguns correligionários, já satisfeitos com a República e a Federação.

Cronologicamente, pois, não é breve a experiência que possuímos do sistema presidencial, que nos deram acabado em tôdas as suas peças e pronto para funcionar. E' mais longa entre nós — repito-o — a experiência do presidencialismo, que a do parlamentarismo. Há, porém, para julgar uma experiência desta ordem, outro elemento mais importante que o tempo: é o andamento, a evolução da experiência. O sistema parlamentar estabeleceu-se naturalmente e, com o seu desenvolvimento, se foi gradativamente elevando a vida pública brasileira. Era, portanto, uma experiência adequada, que se poderia prolongar indefinidamente. Com o sistema presidencial, verificou-se fenômeno oposto: a contínua decadência dos nossos costumes políticos, sem embargo de uma revolução vitoriosa, que se propunha regenerá-los, corrigindo a hipertrofia do Poder Executivo, origem apontada da maior parte dos males. Que mais será preciso para reconhecer a falência de tal regime, se o parâmetro que êle nos fornece, nos seus sessenta anos de vigência, é uma linha constantemente descendente? Que se há-de querer mais? Que o País afunde irremediavelmente na desordem política, econômica, financeira e, sobretudo, moral que o caracteriza atualmente?

Não. Excessivamente longa, mortalmente longa está sendo a experiência presidencialista.